



**11º Simpósio de  
Vitivinicultura do Alentejo**  
**11<sup>th</sup> Alentejo Vine  
and Wine Symposium**

**15, 16 e 17 | 05 | 2019**

**ÉVORA, PORTUGAL**

**LIVRO DE ATAS**

## **UNIDADES PAISAGÍSTICAS DA VINHA. O CASO-ESTUDO DA REGIÃO DE BORBA<sup>1</sup>**

Maria FREIRE<sup>2</sup>; Isabel Joaquina RAMOS<sup>3</sup>; Inês VINTÉM<sup>4</sup>

### **Resumo**

Pretende-se apresentar os conceitos e metodologia utilizados e resultados alcançados com a elaboração do plano paisagem da vinha, desenhado com o objetivo de uma primeira aproximação às unidades paisagísticas da vinha, na sub-região de Denominação de Origem de Borba. Nesta aproximação a paisagem é considerada numa perspetiva holística, com integração das várias componentes (cultural, socioeconómica, ecológica e estética). Assim, as unidades paisagísticas da vinha resultam do cruzamento da cartografia e de outra informação, associada a variáveis (naturais e culturais) particularmente determinantes na construção deste sistema agrícola e significativos na valorização global da paisagem, conjugando-se ainda com as observações de campo. A abordagem alicerça-se em metodologias usadas na definição de unidades de paisagem e particulariza-se na definição de unidades paisagísticas da vinha.

**Palavras-chave:** paisagem, plano paisagem da vinha, unidades paisagísticas da vinha, sub-região de Denominação de Origem de Borba

### **INTRODUÇÃO**

A paisagem é expressão das componentes naturais (o relevo, a água, o solo, o clima/microclima e a vegetação) e componentes culturais (os elementos artificiais e/ou naturais criados e/ou manuseados pelo Homem), a que corresponde um espaço com valor para a economia, para a conservação da natureza e para a qualidade de vida do Homem: “A paisagem é uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos”. (CE, 2000).

Assim, sendo a paisagem o reflexo da diversidade territorial e da presença das comunidades humanas, o processo de ordenamento do território deverá integrar políticas de proteção e gestão da paisagem. Neste contexto, a identificação de distintas paisagens é uma base

---

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref.a UID/EAT/00112/2013.

<sup>2</sup> Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Escola de Ciências e Tecnologia | Centro História de Arte e Investigação Artística (CHAIA), Universidade de Évora, Largo dos Colegiais 2, 7004-516 Évora, Portugal; [mcmf@uevora.pt](mailto:mcmf@uevora.pt)

<sup>3</sup> Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Escola de Ciências e Tecnologia | Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA.UÉvora), Universidade de Évora, Largo dos Colegiais 2, 7004-516 Évora, Portugal; [iar@uevora.pt](mailto:iar@uevora.pt)

<sup>4</sup> Aluna finalista do Mestrado em Arquitetura Paisagista da Universidade de Évora; [inescvintem@gmail.com](mailto:inescvintem@gmail.com)

fundamental de organização do espaço, nas diversas escalas de intervenção, sendo distintamente detalhada, de acordo com os objetivos e a escala de ação (PINTO-CORREIA *et al.*, 2001).

Este artigo, ainda que olhe para a paisagem como o espaço e o tempo onde se conjugam vários componentes, centra-se no sistema agrícola da vinha que a integra, dado o objetivo de identificação das unidades paisagísticas da vinha. Estas são áreas com características relativamente homogéneas, do ponto de vista do seu padrão e identidade, que as diferenciam entre si. Se, como vimos, por um lado, a identificação e caracterização de tais unidades é essencial ao ordenamento da paisagem, na perspetiva da sua proteção e gestão, por outro, essa definição e descrição é fundamental à valorização do sistema cultural da vinha, na ótica da sua produtividade e sustentabilidade.

O plano paisagem da vinha produzido, onde se delimitam as unidades paisagísticas da vinha, vem na sequência de um primeiro estudo realizado sobre a evolução da paisagem da vinha no Alentejo,<sup>5</sup> onde se identificaram organizações geográficas e paisagísticas a que correspondem, ao longo do tempo, dinâmicas e padrões distintos. Na procura de melhor entender os processos de transformação e as diferenças então encontradas, surge agora, num segundo momento, a necessidade de uma aproximação mais detalhada, com identificação das unidades paisagísticas da vinha. Este processo experimenta-se para a sub-região de Borba, com o objetivo de replicar a metodologia às restantes sub-regiões (Figura 1).

---

<sup>5</sup> *‘Paisagem da vinha no Alentejo. Processos e períodos de transformação desde finais do século XIX’, estudo também realizado e apresentado pelas autoras neste 11º Simpósio de Viticultura.*



Solos	Carta dos Solos de Portugal, 1970	1/50 000	Os solos foram agrupados em classes considerando a sua aptidão/limitações à cultura da vinha (litossolos, aluviossolos, solos mediterrâneos e mediterrâneos em fase delgada ou com afloramentos rochosos)
Relevo	Modelo Digital do Terreno, 2010	1/50 000	Síntese dos elementos morfológicos (altimetria, linhas de água e cumeadas, declives, orientação de encostas)
Limite de propriedade	Parcelário IFAP, 2017	1/5 000	Foram criadas classes de acordo com a representatividade da dimensão da propriedade em ha (0-4, 4-10, 10-30, 30-100 e >100)
Uso do Solo	Carta de Uso e Ocupação do Solo, 2015	1/25 000	O uso do solo foi agrupado com base nas principais culturas existentes (montado, área florestal, áreas agrícolas, culturas permanentes, vinha, olivais,...) e inclui áreas urbanas e rede viária
Clima	Atlas do Ambiente, 1982	1/1 000 000	Foram consideradas as informações relativas aos diversos fatores climáticos (isolação, humidade, temperatura,...)

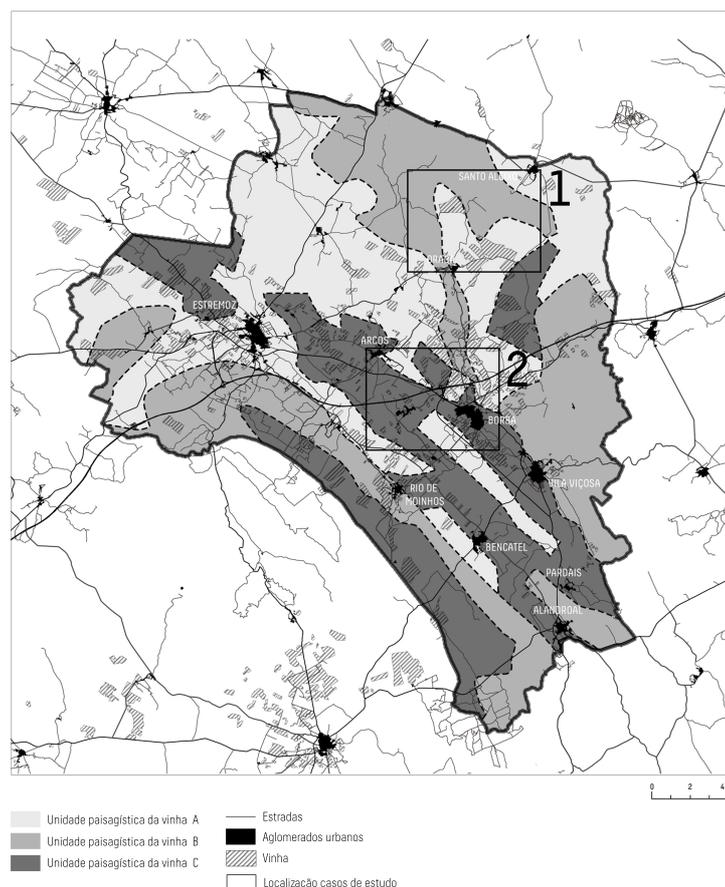
Seguidamente, foi realizado um trabalho de campo, por toda a área de estudo, de verificação da coerência dos limites definidos anteriormente, de onde resultaram alguns acertos. Este momento foi acompanhado por técnicos vitícolas, com grande conhecimento da sub-região, das exigências deste sistema cultural bem como da dinâmica e tendências locais.

A diversidade e complexidade da paisagem encontrada, no contexto de identificação de padrões paisagísticos de vinha e simultâneo enquadramento face à aptidão do território e da paisagem, que estruturaram o objetivo de construção do primeiro esboço, conduziu à concretização do já mencionado plano paisagem da vinha, onde se diferenciaram as unidades paisagísticas da vinha. Dessa delimitação selecionaram-se duas áreas distintas no contexto da sub-região, que ilustram os diferentes padrões e possíveis dinâmicas de ocupação, onde se integram as unidades de paisagem da vinha diferenciadas.

## RESULTADOS

Foram identificadas três unidades paisagísticas da vinha (Figura 2). Tais unidades diferenciam-se desde logo pela presença da vinha, mas também pela presença do montado,<sup>6</sup> pelos solos, estrutura da propriedade e relação com os aglomerados urbanos. Outros fatores, associados à geologia, à exploração de inertes e às distintas situações de relevo foram ainda decisivos na diferenciação entre unidades.

<sup>6</sup> Sistema cultural que valorizamos na paisagem Alentejana. Os Decretos-Lei n.º 169/2001, de 25 de maio e n.º 155/2004, de 30 de junho, compreendem o enquadramento legal que protege as azinheiras e sobreiros.



**Figura 2** – Plano paisagem da vinha: unidades paisagísticas da vinha. Localização dos casos de estudo (1 e 2)

A paisagem da sub-região vitícola de Borba apresenta aspetos identitários e carácter específico no contexto da região Alentejo. Esta sub-região encontra-se na situação de divisão de duas grandes bacias hidrográficas (Tejo e Guadiana), possui um substrato geológico de calcários e mármore (anticlinal de Estremoz) a que se associam solos mediterrâneos, e apresenta expressiva presença de pequenas áreas urbanas. Assinala-se ainda a existência do montado, em áreas topograficamente mais elevadas e afastadas dos aglomerados. Tais circunstâncias determinam um uso do solo variado, onde a vinha, o olival, o montado e as culturas arvenses de sequeiro são dominantes. Neste contexto observa-se um padrão paisagístico diversificado e complexo, de matriz de malha mais estreita, irregular e diversa próximo das áreas urbanas e, malha mais larga e homogénea, num aro mais afastado.

A análise e conjugação dos vários componentes de base natural e cultural, conduz a uma identificação de diferentes padrões paisagísticos que se apresentam com distinto significado e expressão. Nesta leitura distingue-se a presença da vinha e do montado, a proximidade aos

aglomerados, a variação da dimensão da propriedade, os tipos de solo e do substrato geológico, a situação morfológica e o uso dominante do solo.

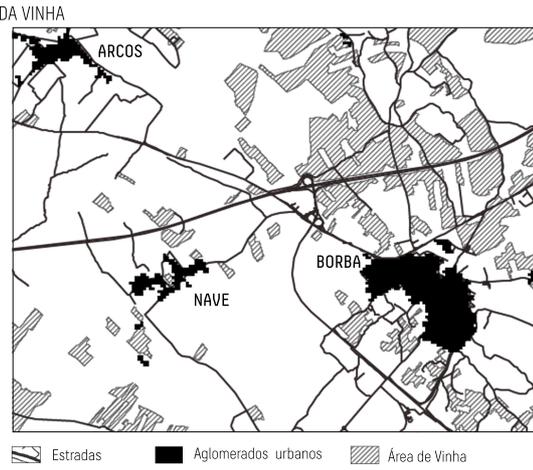
Para clarificar a metodologia, selecionaram-se dois casos-estudo, em situações distintas da sub-região, que incluem as unidades paisagísticas identificadas (Figura 3):

- Caso-estudo 1: área localizada mais a Norte, na bacia hidrográfica do Tejo, numa situação mais aplanada. Inclui solos com maiores limitações do ponto de vista produtivo (litossolos e mediterrâneos em fase delgada ou com afloramentos rochosos). A grande propriedade (mais dominante >30 ha) é ocupada sobretudo pelo montado e culturas de sequeiro. A vinha é um uso recente, instala-se na grande propriedade em extensas áreas e ocupa solos mediterrâneos (unidade paisagística da vinha A). Aqui as condições à sua presença são especialmente limitadas pelo tipo de solo e existência de montado (unidade paisagística da vinha B);
- Caso-estudo 2: centrado na aglomeração de Borba e envolvente, esta área é marcada pela ocupação humana a que se associa a pequena propriedade (até aos 4ha). Inscrita na posição de divisão de duas grandes bacias hidrográficas (Tejo e Guadiana), apresenta-se numa situação de maior altitude, morfológicamente mais diversa, a que se ligam frequentes alterações das condições microclimáticas. O substrato geológico dominante, de rochas calcária e de mármore, particulariza a presença de solos mediterrâneos, mais produtivos, incluindo ainda os de fase delgada ou com afloramentos rochosos. Condições biofísicas que definem a mais expressiva presença da vinha e do olival, usos dominantes e antigos nesta paisagem, razões que determinam a maior aptidão a essas culturas (unidade paisagística da vinha C).

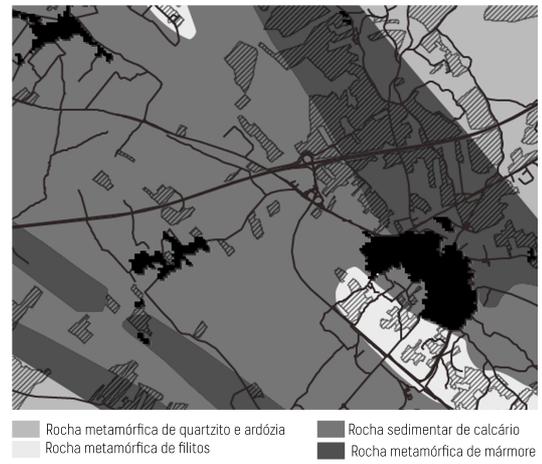
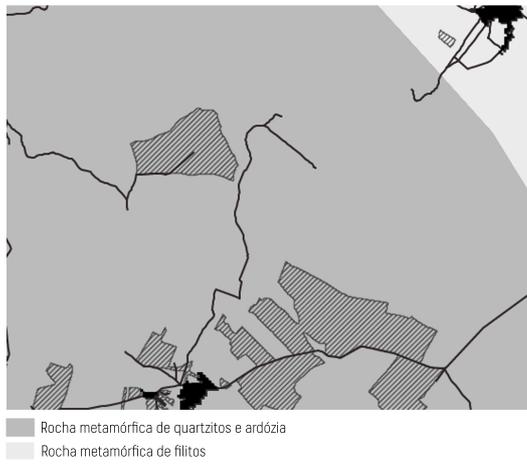
Caso-estudo 1



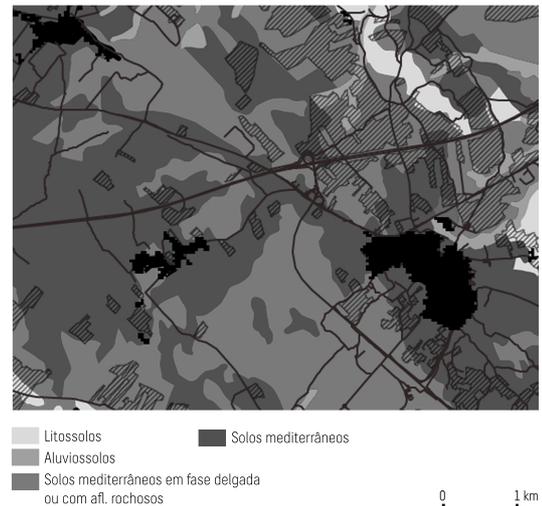
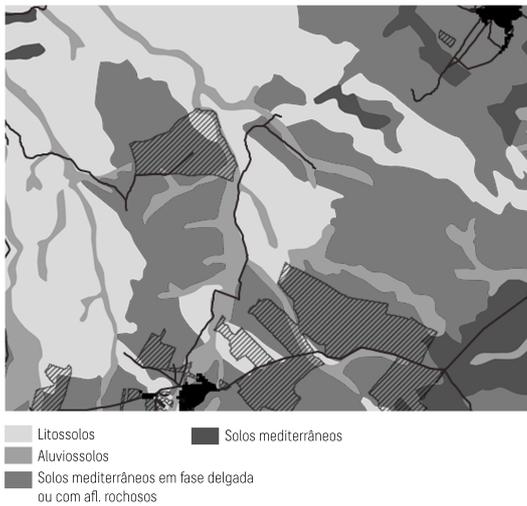
Caso-estudo 2

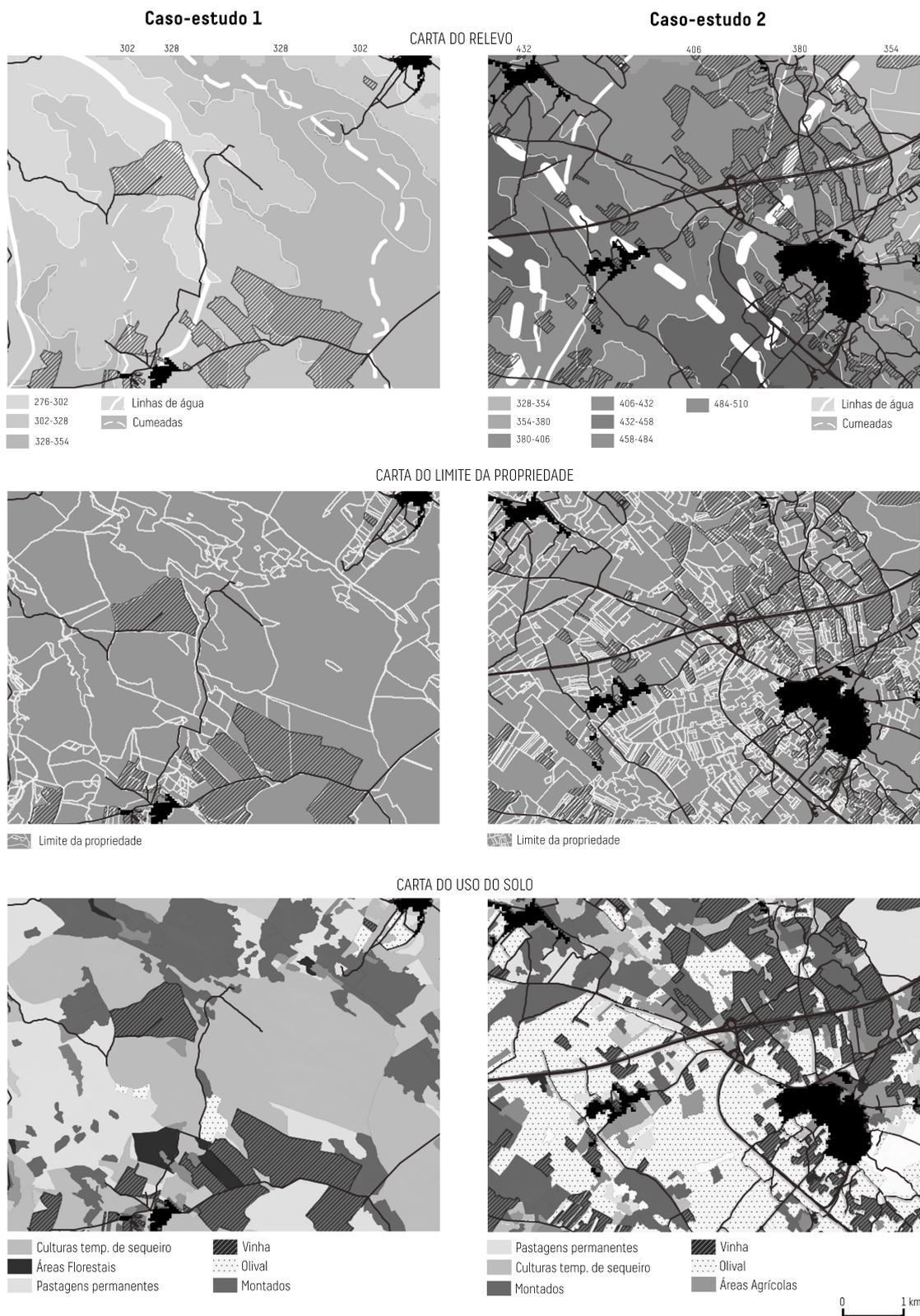


CARTA GEOLÓGICA



CARTA DE SOLOS





**Figura 3** – Localização da vinha e cartas geológica, de solos, do relevo, do limite da propriedade e do uso do solo

## **CONCLUSÃO**

O plano de paisagem da vinha realizado, onde se esboçam as unidades paisagísticas com enfoque neste sistema cultural, constitui uma aproximação distinta no ordenamento agrícola, dada a visão mais integrada onde se conjugam componentes de base natural e cultural. Inter-relacionam-se e ponderam-se as variáveis de natureza biofísica, económica, cultural e estética, associados ao sistema paisagem presente, e consideram-se as potencialidades que a paisagem oferece à presença da cultura da vinha.

A identificação e caracterização de áreas com características homogéneas, do ponto de vista do seu padrão, identidade e aptidão ao uso na perspetiva da vinha, é fundamental ao desenvolvimento deste sector agrícola e à construção, proteção e gestão da paisagem, numa perspetiva da valorização global do sistema paisagem e da sustentabilidade do sistema vitícola na sub-região.

Deste estudo de unidades paisagísticas da vinha, para a área geográfica classificada como Denominação de Origem de Borba, emerge ainda a conclusão de que tal delimitação da sub-região não se sustenta em critérios claros. Assim, considera-se que essa delimitação geográfica deveria ser revista tendo por base as características da paisagem existente e da sua aptidão ao cultivo da vinha. Donde se considera que o estudo das unidades paisagísticas da vinha pode constituir um suporte de trabalho a utilizar nessa revisão.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, A., CORREIA, T., & OLIVEIRA, R. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. Lisboa: DGOTDU.

CE (Conselho da Europa) (2000). *Convenção Europeia da Paisagem*. European Treaty Series, n.º 176. Florença: Conselho da Europa.

PINTO-CORREIA, T., ABREU, A., & OLIVEIRA, R. (2001). Identificação de Unidades de Paisagem. Metodologia aplicada a Portugal Continental. *Finisterra*, 36(72), pp. 195-206.



## ORGANIZAÇÃO

